



“AQUI TÁ PEGANDO! O NEGÓCIO DA ÁGUA...”¹

Jackeline CAMPOS (G-UFPA)

Sandra Maria JOB (UFPA)

Resumo

Os Estudos culturais, de acordo com Stuart Hall (2002), são movidos pela tensão entre outros aspectos, o desejo de dar voz à cultura de grupos marginalizados e o estudo da cultura de massa como uma imposição ideológica. Perpassando por essa tensão, mas indo um pouco além, baseado na ideologia dos estudos culturais, esse trabalho tem como objetivo dar voz a pessoas social, cultura e economicamente marginalizada na cidade de Breves. De forma mais específica, dar voz à mulher do bairro Jardim Tropical, que fica na periferia da cidade, que está localizada no Arquipélago do Marajó, no estado do Pará. O intuito é, a partir das narrativas orais de três sujeitos femininos, traçar como se dá a luta pela sobrevivência delas e dos seus, ratificando seu papel dentro dessa luta. Para tanto, partimos de uma pesquisa etnográfica que contou com a participação de três mulheres com idade acima de 30 anos.

Palavras-chave: Estudos culturais. Papel feminino. Sobrevivência. Água.

Introdução

Os Estudos culturais, de acordo com Stuart Hall (2002), são movidos pela tensão entre, outros aspectos, o desejo de dar voz à cultura de grupos marginalizados e o estudo da cultura de massa como uma imposição ideológica. Perpassando por essa tensão, mas indo um pouco além, baseado na ideologia dos estudos culturais, esse trabalho tem como objetivo dar voz a pessoas social, cultura e economicamente marginalizada na cidade de Breves. De forma mais específica, dar voz à mulher do bairro Jardim Tropical, que fica na periferia da cidade, que está localizada no Arquipélago do Marajó, no estado do Pará. O intuito é, a partir das narrativas orais de três sujeitos femininos, traçar como se dá a luta pela sobrevivência delas e dos seus, ratificando seu papel dentro dessa luta. Para tanto, partimos de uma pesquisa etnográfica que contou com a participação de três mulheres com idade acima de 30 anos.

Mulheres em busca de vida: Água

A quantidade de pessoas que não tem acesso ao abastecimento de água em vários países é enorme. E, em muitos casos, esta falta de água ocorre (pelo menos pensam) apenas em lugares em que a seca é constante e jamais se espera que tal problemática aconteça em uma cidade localizada no Arquipélago do Marajó, como Breves, onde sua geografia hidrológica é formada por rios e igarapés, suas chuvas ocorrem de maneira frequente durante o ano. Entretanto é comum vermos

¹ Esse trabalho foi desenvolvido durante a disciplina Estudos Culturais, ministrada pela prof. Dra. Sandra Job no curso de Letras-UFPA- campus Breves/PA, no ano de 2017.

CAMPOS, Jackeline; JOB Sandra M. “Aqui tá pegando! O negócio da água...”. In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó - Breves. ISSN: 2358-1131

principalmente pessoas do sexo feminino em busca de água² nos bairros periféricos da cidade como, por exemplo, no bairro Jardim Tropical.

Diante dessa triste realidade, na qual a mulher tem um papel muito relevante, o intuito do trabalho é, a partir das narrativas orais de três sujeitos femininos, traçar como se dá a luta pela sobrevivência delas e dos seus, ratificando seu papel social, humano, dentro dessa luta. Para tanto, partimos de uma pesquisa etnográfica que contou com a participação de três mulheres com idade acima de 30 anos. A escolha dos sujeitos se deu a partir do tempo em que residem no bairro, ou seja, moradores com mais de dez anos, no bairro. As entrevistas ocorreram em dois momentos, num primeiro encontro algumas delas estavam acanhadas, pelo motivo de estarem sendo gravadas, mas logo com o desenrolar da conversa elas explicaram como vivem tal questão. No segundo encontro, que ocorreu em oito dias, retornou-se novamente um breve diálogo sobre a problemática, assim como a assinatura dos documentos de autorização do uso do material para fins acadêmicos. As gravações foram feitas em aparelho celular, desde o início da conversa até a despedida. Posteriormente foram feitas as transcrições, parte das mesmas seguem abaixo. Vale ressaltar que a entrevista se deu de forma semiestruturada, isto é, partiu de perguntas prontas tais como: há quanto tempo mora no bairro? Seus filhos, quando pequenos, lhe ajudavam a carregar água?

Tenho trinta e três³. Eu morava no interior, mas eu sempre morava aqui na cidade até na solterice, depois que eu arranjei marido é que eu morei pro interior. Nascei em Breves, morava aqui, um dia eu fui pra lá com a minha mãe, que a minha mãe... pra meu tio trabalhava pra lá aí eu fui pra lá. Pra lá arrumei marido, pra lá pro interior. Lá i pra lá fiquei. Aí já vim quando tinha já só três menino, ela e os dois maió (aponta a filha). Somo oito por tudo.

Entrevistador: Ah...a senhora se considera branca, é negra ou tem traço indígena?

Que diacho é isso? (Risadas)

A mamãe era, não era muito morena, era vamo dizê, que era parda, né? Morena clara.

Entrevistador: A senhora se acha, se considera com que cor?

Morena que eu não sou muito branca, né? (Risada) morena clara.

Por tudo os meus irmãos? Somo dez! Com eles tudinho somo dez. Seis são... é de outro pai, e eu sou de outro. Aí o meu irmão já é de outro também, outro pai. O meu pai ele é meio branco. Ele é branco ele. Só que minha vó, que era morena, também não era muito morena não, meia morena parda, clara.

² Só para constar existe o Movimento pelo direito ao uso da água, movimento cívico constituído em sua maioria por mulheres.

³ O nome da entrevistada é Rita. Entrevista concedida a Jackeline Campos, no dia 02/12/2017.

Eu não carrego muito porque a gente puxa do garapé, né? Mas sempre, né, a gente puxa. Eu encho uma caixa, acho que, não sei se é mil litro é uma caixa que foi a menina que me deu, acho que é mil litro dá pra três dia, até quatro dia dá, aí eu encho na semana umas... duas vez só.

Para beber, a gente vai busca no rio! O carro pipa não vem dextra, não traz! É, busca no rio e trata a água. Quando seca! (Risada) seca os balde tem que i... De noite eu não vou busca, eu vou busca assim, né? Quanto tá enchendo a água. tando seca não dá pra i pra carrega. A parti assim meio dia que aquela água tá grande, três hora.

Vamo mesmo busca água porque o dinheiro, né? às vez não tá fácil pra tá comprando água!

Minha renda? É só do bolsa família, e o que ele faz, o que ele faz na bera do carr..., na bera, né? O que ele faz na bera é só mesmo que dá pra compra pra come assim num dia faz, num dia não, aí vai assim, vai levando. É, às vez a gente só come, diz o ditado, come só uma vez. À vez de manhã, ele não faz até o meio, ele não faz nada, né?! Vai fazê pra banda da tarde. Aí faz três hora, se ele faz alguma coisa, compra de tarde, come só naquela hora, pra banda já, quase na janta, bem dize é a janta já!

Ali pra banda da castanheira, lá, de primeiro, quando era o Gevásio Bandera, i'da vinha água nas tornera, né!? Ainda dava água, agora não dá é nada!

É, não importava se tava sol, frio, tava quente, tinha que ir busca porque fica no seco.

Eu já dei uma dessa⁴ (bate colher na mesa); estava fazendo chopp.

Entrevistador: É? Essa nossa agora é pra escola, pra universidade.

Hum.

Que enche, né, pió. (Referindo-se comentário do entrevistador quanto ao fato de ser mais as mulheres que carregam água)

O nome é Leonice P. A⁵, parda, parda. Eu vim do interior pra cá. Láa do interior de Portel, láa do Pacajá, de lá.

Quando me mudei pra cá eu tava grávida de oito mês do meu filho, aquele que mora lá pra Portel. Agora ele tá com dezesseis anos completo, né? Vai fazer os dezessete em julho, é em julho que ele faz....dezessete anos. Era eu a Keila, a Kely e a Andriele mais o pai delas, nós era cinco, seis com o menino que nasceu aqui. Quando cheguelo, quando cheguelo nos era cinco, né? Cinco pessoas. Sempre aqui nesse local⁶.

⁴ Resposta quando a entrevistadora a convidou para participar da pesquisa.

⁵ Entrevista concedida a Jackeline Campos, no dia 02 de dezembro de 2017.

⁶ O local ao qual se refere é o bairro Jardim Tropical.

Bom, a gente sempre carregou, né? do garapé carregava na cabeça! [...] pra bebê nos ia buscar de bicicleta na Castanheira. Foi sempre, foi sempre assim. Era...era numa casa que a gente pegava. Não era nem na escola, era numa casa lá que o pessoal dava pra nós, né? Eles davam. Aí a gente ia pega lá. Era torneira lá, era de, da Cosanpa que aquele tempo ainda tinha, né?

Depois, né? (Risada). Vinha só as dor que aparecia. Mais no início a gente se acostumava-se..., depois não sentia mais nada. Carregava água daí do garapé na cabeça mesmo. [...] depois a gente foi...fez carrinho aqueles carrinho de roda pra encher. Foi melhorando mais, depois a gente fez a encanação, né? Liga a bomba aí. Tudo por conta da gente!

A gente colocava aquele... como é? O sulfato, que eles falam, a gente colocava sempre colocou. Pra bebê? A gente não colocava, né? A que a gente trazia daaí, já era limpa né? Da torneira mesmo, né? Que já era limpa, só fazia cuá e pronto depois surgiu o pessoal da, da universidade parece, uma vez deram uns, aqueles balde, né? A gente filtrava, colocava no balde e filtrava.

Aquele tempo, lembra?, que a igreja era na casa da Leca, eles vieram um pessoal, lá, os cara da universidade daí, eles fizeram os balde, aí dava. Era dois balde pra cada família, que um que era o filtro, colocava, enchia de água e filtrava...era assim que a gente usava.[...] fazia o sorteio, aí eles davam. [...] eu não lembro... mas eu acho que quase todos nós pegamos aqui o balde... um balde daqueles... foi uns quantos balde. Não, o meu não existe mais... que balde vai quebrando, né? Aí a gente né... Depois eu ganhei esse, né, quando os menino ero pequeno, ganhei da pastoral da criança.

Tem um lááa na esquina. A gente foi lá, né? Falou lá com o homem, aí ele toda quinta traz um pra nós lá na esquina. Uma vez por semana. Aí essa semana agora tá com duas semana que ele não veio. [...] quinta-feira era o dia dele vim e quinta feira não veio... aí nós fica sem água, comprando água.

Não vem a gente compra. É um real um balde. Nós usa um por dia. Só pra bebê também ... pra tomar banho é do garapé mesmo, toma do garapé mesmo. Agora melhorou porque a gente liga a bomba, né? Tem que carrega a bomba pra lá, pra bera do garapé. Não carrega na cabeça, mas dalií da esquina a gente carrega na mão, né? É porque a gente carrega água pra bebê daqui, né?, do carro pipa. De lá não, a gente só faz leva a bomba... aí enche aqui. Uma de quinhentos litro e outra de mil. Toda só de uma vez, mais um tambor de duzentos litro eu encho. Dá pra passar três ou... no máximo quatro dia. Isso tudo lavando roupa.

Nós nunca tivemos esse problema com eles. Nem os pequenozinho, nenhum deles. Também acho que deis, desde quando eles nasceram é tomando banho com essa água (risada). Se acostumaram, né? (Risada)

Aqui tá pegando⁷! O negócio da água aqui pra nós [...]. [...] o negócio da água aqui tá difícil desde que nós passemos, viemos morar pra cá. [...] quando nós não carregava água dali, da banda da Castanheira na cabeça, mas nesse tempo eu era mais novinha, aí nós carregava água de lá na cabeça pra cá. Aí nos viemos pra cá e ficou essa situação aí e vira e mexe vem carro particular, vem o negócio da caçambinha do... do carro pipa com água. Aí a água que nos pega aqui é isso. A peleja aqui e isso e é só de oito em oito dia que eles vêm com água. É de oito em oito dia. Ontem eles vieram, sexta-feira. Eles só vêm varar pra cá sexta-feira de novo.

E, aí, nós, pra nós pegar pra tomar um banho, lavar uma vasilha e do, do garapé aqui (aponta o rumo do igarapé). Aí vem esse igarapé, vai passa por aqui. Aí vem um braço que vem pra cá. Esse braço vai embora que vai lá pro final. Aí a gente pega água aí. Quando chega a tapecuema⁸ é uma dificuldade que a água fede que não passa água praí, né? [...]. Que aqui mesmo e muito fora aqui né?

Muito pra dentro aí, quando tem dia que quando chega [...] a... seca mesmo, ela não passa praí. A gente pega só daí uma água fedorenta pra lavar. A gente bota aquele remediozinho pra clarear um pouquinho pra lava roupa, lava vasilha. É um pó branco.

Nora da entrevistada: *Hipoclorito.*

Mas só que a gente tem medo porque aí, praí, pra esse garapé, essas gentes fazem as privadas tudo em cima d'água. Pra beber nem pensar é assim isso é que acontece aqui... nessa rua...nesse bairro.

Eu tenho aqui, tem aqui, ó (saiu e foi buscar o remédio). É aqui que a gente compra no... a gente compra no comércio. É um quilo, eu já gastei a metade. É comprado, mana, ...é comprado um. Olha, eu comprei um quilo agora esses dia, não faz muito tempo. [...] o meu já acabou, eu acho que é porque eu boto num.... numa caixa grande, dessas caixa que vêm óleo dentro do barco aí. Aí eu boto dentro, eu boto umas...umas duas ou três colherada. Eu vou botando lá pra, clareando mais a água e aí, aí é isso. Agora pra fazer comida a gente estravaca de poço daí, da banda da Castanheira, daí dessas paragem. É, a gente carrega de lá pra cá, carrega em balde.

⁷ M. S., setenta e oito ano. Entrevista concedida a Jackeline Campos, no dia 02 de dezembro de 2017.

⁸ Tapecuema: período de seca, quando a maré não cresce como de costume.

Antes nós morava no interior e agora não, faz é muito tempo. Nós... Temo agora aqui com uns...uns quase cinquenta anos, que já faz tempo. Eu tenho um filho que já tá, depois deu já tá aqui, eu tenho um filho que já tá com trinta e seis anos já. Depois d'eu tá aqui, nós já temo um tempão aqui e aí nós morava pra lá. Aí agora depois que nos viemo pra cá quando abriram essa rua pra cá, aí que nós viemo pra cá. Aí a dificuldade é essa água, eu tenho a minha idade, eu tô com setenta e oito ano.

Meus irmãos eram, na família tinha... Nós era, dexe eu vê, nós era doze, nós era doze irmão por tudo. Aí foi morrendo, foi morrendo, aí só ficou eu, essa (aponta para irmã que esta a seu lado) e mais dois irmão e mais uma irmã que mora pro interior. Só eu que moro aqui pra Breves.

Eu não sei nem dizer. (Risos). Eu acho nós assim, nós, eu acho nossa cor moreno, meio moreno claro, moreno claro, é. (Quando indagada se tinha na família algum descendente, parentesco indígena) Não, assim já demais não, meus parente é tudo são só assim moreno claro, e branco, já branco já. (Em um segundo momento, quando indagada se não se lembrava mesmo se tinha afro-brasileiros e/ou descendente de indígenas) Eu... que negro, negro não, não. Na minha família eu tenho assim. Eu tenho um filho que ele é meio moreninho mais escurinho do que eu, e uma filha ela é mais escurinha do que eu, mas negro, negro não.

Nós morava lá do Buiúçu que pertence já do Tajapúru pra lá, é meus pais eram de lá... É eu só trabalhava, ajudava minha mãe. [...] comecei trabalhar desde criança, com idade de dez anos. [...] Eu trabalhava com ela, eu e ele nós fazia, nós rocava, e deixava roçado pro patrão dela. Nós capinava, nós tirava feijão, nós plantava arroz, tudo nós fazia, só nós nunca trabalhamos em negócio de cana. [...] eu fazia cesta, fazia panela.

Minha mãe era assim nosso tipo (aponta pra si e para sua irmã, mostrando que são magras) nós somos uma família tudo magro, não é família gorda, somos tudo seco. Carregando água mais seco nós fica. Aí nosso jeito é assim eu, ela a outra minha irmã. A outra minha irmã que é mais seca do que eu... nossa família só era família magro.

Até hoje. Ainda carrego do carro pipa. Já faz um tempão mesmo não sei nem a conta mais, já faz um tempão... Essa menina me ajuda aqui a carregar água, me ajuda, ela me ajuda bastante pra carregar água, senão, se fosse só eu, acho que já tinha morrido (pausa e dá risada). Na costa que eu tenho, tipo uma rasgadura que, quando eu carrego até do carro pipa quando ele vem que eu carrego água aqui, a modo que rasga, aquilo fica igual uma pimenta aqui (pega nas costas). Eu agora, eu tenho esse negócio. Tenho um problema no joelho que, ó, (pega no joelho) ó tem dia, ó como fica. Tem hora que trava aqui. Pronto! Aí endurece, minha filha, eu não sei o que é. Dói... dói tudinho, desce pra cá, sobe aqui pra minha coxa, vai até ó (aponta os joelhos, os pés, depois pega nas

costas). *Isso aqui no meu braço tem dia que eu não posso nem pentear o meu cabelo. E mais é por isso que me estraga eu carregá, quando eu carrego água aqui, quando eu lavo, a modo faz tuquee aqui* (pega na coluna). (Indagada se foi ao médico para se consultar) *Não, não fui. Só fumento⁹ com coisa. E agora falta de vista também que eu tô. Eu olho assim, eu tô olhando para as pessoas* (olha demoradamente para mim), *aquilo a modo que é um plástico fino que tá em cima da minha vista. Eu, eu assim, eu enxergo só fumaça. É eu daqui pro outro lado assim eu não diferencio nadinha até os meus patente se eu i andando daqui praí, se eu ver, só se eles falarem: “Ei, mãe, o vó!”*

Uns tempos atrás dava muito dor de barriga aqui era. Esses menino se queixava de dor de barriga, era nós mesmo. Ela aí (aponta a nora), o menino (o filho), mais d’uns tempo pra cá, graças a Deus, melhora. Parou agora o negócio da diarreia. É, parou... compro o remédio também.

Nora da entrevistada: *Porque não tem opção aqui de água ou usa o que tem ou então... fica sem água. Pra alimento não, o carro pipa, esse do carro pipa que a gente usa. Mais se tu não tiver atenta, tu não pega. Assim por exemplo se tiver dormindo, tiver pra cá pra dentro, tu não vê o carro chega tu não pega água. Que eles não vão bater pra ti avisar!*

Olha, essa água daí é só pra tomar (aponta alguns baldes d’água) *e aqui é pra fazer comida, pra beber.*

Conclusão

Após ouvir as narrativas das mulheres, chega-se à conclusão de que suas dores não se refletem apenas no corpo físico, mas no “eu” dessas mulheres, em sua autoestima, na saúde, seja ela corporal ou mental. Elas trazem consigo marcas, não corporais, mas de um sofrimento interno que talvez seja por não viverem a realidade por elas esperadas. Em outras, palavras, muitas das dores das mesmas ninguém é capaz de traduzir em palavras, de fato, pois só é possível vê-las, entendê-las, talvez, quando estamos frente a frentes com estas mulheres, vendo-as, olhando-as nos olhos.

Além disso, conclui-se também que é indiscutível como as mesmas superam a própria dor, pois o corpo avisa, dá sinais que chegou ao limite, porém elas continuam dia após dia fazendo o mesmo esforço – repetidamente. É o instinto de sobrevivência falando mais alto. É a coragem da mulher marajoara se fazendo ver. E a coragem não é por serem supermulheres não. A coragem advém do caráter forte dessas mulheres que desde que nascem lutam pela sobrevivência. É a luta pela sobrevivência que as fazem se superar. Contudo, como essas mulheres se fortalecem não é

⁹ Fumento: massagem feita no local das dores, geralmente a massagem é feita com gel, creme anti-inflamatório.

possível, para esta pesquisa, responder. Entretanto, muito possivelmente, talvez, pelo fato de não quererem que seus filhos tenham a mesma ‘sorte’ que tiveram, por isso se sacrificam.

Em suma, nesta pesquisa fica evidente o quão importante é o papel feminino na luta pela sobrevivência na periferia onde se encontram os sujeitos da pesquisa, e o quão carentes elas estão de políticas públicas, de coisas básicas para a sobrevivência e para sobreviver com dignidade: ÁGUA, entre outras necessidades humanas básicas. Por isso, as situações da água, assim como dessas mulheres, merecem estudos outros. Estudos que tragam à tona o papel social, humano que estas e outras mulheres marajoaras têm sabido tão bem desempenhar, mas que, infelizmente, não é reconhecido socialmente – muito pelo contrário. Nesse sentido, vale a pena frisar que, embora tenham sido poucas as páginas aqui destinadas a elas, pode-se concluir também que estas páginas procuram cumprir com o dever social e humano de dar a elas o devido valor.

Referências

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopez Louro. 5 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MOVIMENTO pelo direito ao uso da água. Breves, Pará. 2012. Disponível em: <http://terradedireitos.org.br/wp-content/uploads/2015/07/Relat%C3%B3rio-do-Movimento>. Acesso em : 16 de fevereiro de 2018.